



XI Congresso Português de Sociologia
*Identidades ao rubro: diferenças, pertenças e
populismos num mundo efervescente*
Lisboa, 29 a 31 de março de 2021

Secção/Área temática / Thematic Section/Area:
Classes, Desigualdades e Políticas Públicas

Identidade europeia: intersecção entre desigualdades de escolaridade e económicas

HENRIQUES, João; ISCTEUIUL e CIESIUL; jpvhs@iscteuiul.pt

Resumo

Pretende-se aprofundar o conhecimento das relações entre um sentimento de pertença europeu e o capital educacional, privilegiando a influência combinada deste último com o efeito de factores macrossociais, tais como a riqueza entre países e dentro dos países. Recorrendo a uma metodologia quantitativa, e a dados do Eurobarómetro, não é possível afirmar que a estrutura de distribuição de capital educacional dentro dos países influencie os níveis médios de identidade europeia dos países. Mas quando o efeito do capital educacional é combinado com a influência das desigualdades de riqueza e de desenvolvimento humano, constata-se que o capital educacional é mais relevante nos países menos ricos, menos desenvolvidos, e de menor desigualdade interna. Ou seja, nos países mais ricos e desenvolvidos, e mais igualitários, a diferença nos níveis médios de identidade europeia entre as categorias de menor e maior capital educacional é menos pronunciada.

Palavras-chave: Identidade europeia; capital educacional; desigualdades sociais.

Introdução

Ao momento, existe uma vasta bibliografia sobre identidade europeia. Tal, inclui, entre outros aspectos, discussões teóricas do que é a identidade europeia, casos de estudo focados em metodologias qualitativas, mas também análises estatístico-quantitativas sobre alguns dos seus factores. No entanto, dado o estado abrangente de bibliografia científica disponível, considera-se que o conjunto de estudos de metodologia quantitativa mais recentes, e consultados, elaboram análises multivariadas através de modelos complexos deste fenómeno, dando menor atenção a aspectos de análise descritiva, o que limita a capacidade de interpretação. Por exemplo, dos estudos que incluem modelos multivariados, alguns efectuem análises transnacionais, incluindo todos os casos no mesmo modelo, sem distinção dos resultados por país, embora o país possa ser uma variável de controlo. Não refutando a sua pertinência, julga-se fundamental obter um mapeamento mais discriminante dos factores de identidade europeia que sustentam as análises multivariadas.

Pelo exposto, o que se propõe neste estudo exploratório é, além de conhecer o efeito da escolaridade na identidade europeia, o de interpretar a relevância dessa variável às escalas nacionais. O efeito da escolaridade, e da sua estrutura distributiva por país e entre países, será também confrontado com a interacção desta variável com factores macrossociais, em particular com as desigualdades de distribuição de riqueza entre e dentro dos países, assim como com o desenvolvimento humano por país.

Breve enquadramento empírico-teórico

Do conjunto da investigação científica focada nos processos de integração europeia, é comumente aceite, e demonstrado, que as categorias sociais mais escolarizadas apresentam valores mais cosmopolitas, são mais favoráveis à internacionalização, apresentando também maiores níveis de um sentimento de pertença supranacional (Fligstein, 2008).

A identidade europeia tem sido apontada como um fenómeno estrutural, assente em factores microssociais tais como a idade, a escolaridade, o género, a classe social, pelo que subsistem factores de diferenciação social a determinar que um sentimento de

pertença europeu não é apenas uma questão de escolha, mas também de posição social (Pichler, 2008).

Alguns estudos apontam para que o efeito de interações transnacionais e educação escolar são duas vias para o mesmo fim (Kuhn, 2012). Por exemplo, se as possibilidades de participar nos processos de europeização horizontal aumentam com o nível de escolaridade, então, é verosímil equacionar que subsistem contingências estruturais, tanto internas aos países como entre países, que condicionam um maior ou menor nível de sentimento de pertença europeu.

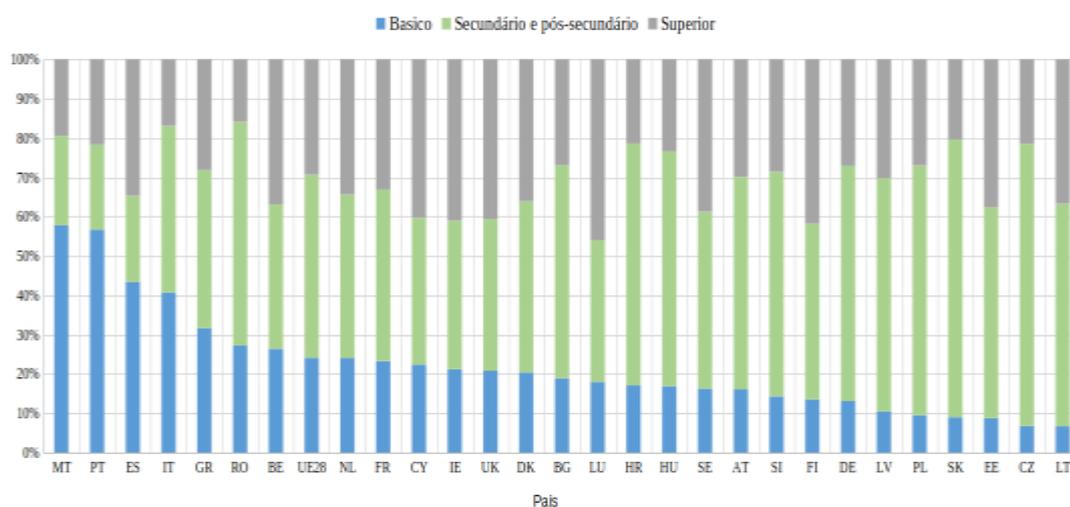
De facto, não só indicadores microsociais, mas também indicadores macrosociais, como o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), apresentam uma relação com um sentimento de pertença europeu, que poderá ser superior comparativamente aos factores explicativos microsociais (Henriques, 2017; Mau, e Mewes, 2012).

Do exposto, conclui-se que a identidade europeia não se desassocia da macroestrutura social nem das condições estruturais de existência. A distribuição do capital social, económico e cultural, e experiências internacionais, é um dos conjuntos de variáveis condicionantes que influenciam a maior abertura ou fechamento em relação à Europa (Scalise, 2015).

O estudo exploratório aqui apresentado interliga não só o capital educacional ao espaço de identidade europeu, mas também a outros factores explicativos tais como o espaço de riqueza económica (e a sua distribuição). Esta abordagem permitirá relacionar possíveis interdependências das diversas formas de capital, nomeadamente entre o capital educacional e o capital económico.

Se analisarmos a distribuição do nível de escolaridade entre os países europeus, esta apresenta diferenças consideráveis (figura 1). Os países da costa Mediterrânica registam níveis superiores de cidadãos com escolaridade completa apenas ao nível do ensino básico.

Figura 1 – Taxas dos níveis de escolaridade por país



Fonte: produção própria a partir de dados disponibilizados pela Pordata (Fevereiro de 2017)

Código de siglas: AT, Áustria; BE, Bélgica; BG, Bulgária; CY, Chipre; CZ, República Checa; DE, Alemanha; DEW, Alemanha Ocidental; DEE, Alemanha Oriental; DK, Dinamarca; EE, Estónia; ES, Espanha; FI, Finlândia; FR, França; GR, Grécia; HU, Hungria; IE, Irlanda; IT, Itália; LT, Lituânia; LU, Luxemburgo; LV, Letónia; MT, Malta; NL, Holanda; PL, Polónia; PT, Portugal; RO, Roménia; SE, Suécia; SI, Eslovénia; SK, Eslováquia; UK, Reino Unido; GB, GrãBretanha; GBNIR, Irlanda do Norte.

Adicionalmente, também se verifica que entre países subsistem diferentes níveis de cidadãos com escolaridade superior. Ou seja, o espaço europeu de capital educacional é um espaço desigual.

Assim, e sabendo que os níveis de identidade europeia são superiores nas categorias sociais com maiores níveis de capital económico, cultural, social (Fligstein, 2008; Comissão Europeia, 2015), é verosímil questionar até que ponto a estrutura de distribuição de capital influencia os níveis médios de sentimento de pertença europeu. Julga-se pertinente averiguar se, de facto, subsiste, mesmo que parcialmente, alguma relação entre as desigualdades de recursos educacionais e a evolução de um sentimento de pertença europeu. O estudo subsequente pretende responder às seguintes questões.

- Como se relaciona a distribuição de capital educacional no espaço europeu com a distribuição de um sentimento de pertença europeu?
- As desigualdades educacionais dentro de cada país influenciam os níveis médios de sentimento identitário europeu dos países?
- Como se associam factores educacionais com factores macrossociais de distribuição de riqueza e desenvolvimento humano na explicação do sentimento identitário europeu?

Antes de proceder para a apresentação da metodologia, é pertinente esclarecer os seguintes pontos.

Em primeiro lugar, não se pretende caracterizar o que é a identidade europeia. O sentimento de pertença será, aqui, analisado através da subjectividade dos sujeitos. Ou seja, considera-se o nível de sentimento de pertença como europeu que os próprios sujeitos assumem.

Em segundo lugar, não se ignora que a identidade europeia é um fenómeno multidimensional e, aliás, complexo. Os factores seleccionados para analisar não são suficientes para explicar a identidade europeia. São, no entanto, factores que têm revelado uma parcial, mas, considerável capacidade explicativa.

Por tal, adianta-se, desde já, que as conclusões do estudo são um pequeno contributo para a compreensão das relações entre identidade europeia e o espaço social, em concreto o espaço de desigualdades. Tal que, a análise aqui desenvolvida caracteriza-se como um estudo exploratório.

Métodos e técnicas de pesquisa

As respostas às questões propostas neste estudo fundamentam-se na análise descritiva de indicadores educacionais e de identidade europeia. O estudo contempla três partes:

- a primeira corresponde à análise da relação entre os indicadores de identidade europeia e os indicadores de capital educacional;
- a segunda parte corresponde à análise da relação entre indicadores macrossociais e os indicadores de identidade europeia, segmentados por categoria educacional;
- a terceira parte corresponde à avaliação da variável gap escolar identitário;

Indicadores de identidade europeia

Como indicadores de identidade europeia (variáveis dependentes) utilizam-se duas questões regulares dos inquéritos do Eurobarómetro. A primeira é uma questão de auto-categorização, “*Como é que se vê?*”, com as seguintes opções de resposta: a) ‘*nacionalidade*’; b) ‘*nacionalidade e europeu*’; c) *europeu e nacionalidade*’; d) *europeu*; e) *nenhuma*. Para medir a percentagem de cidadãos que se auto-categorizam como europeus (ACE) são somadas as respostas b), c) e d), porque, primeiro, o importante é a auto-categorização como europeu, independentemente da ordem. A segunda questão mede

o sentimento de ligação, “*Em que medida se sente ligado à Europa?*” As hipóteses de respostas são: a) *Muito ligado*; b) *Ligado*; c) *Não muito ligado*; d) *Nada ligado*. Para medir a percentagem de cidadãos que se sentem ligados à Europa (SLE) são somadas as respostas “Muito ligado” e “Ligado”. Serão analisados estes dois indicadores segundo o país para os anos de 2007 (Eurobarómetro Especial 278) e 2014 (Eurobarómetros 81.4 e 82.3).

Indicadores de capital educacional

O Eurobarómetro não questiona directamente a escolaridade, mas questiona em que idade o respondente terminou os estudos. As três categorias comumente construídas, como indicadores de escolaridade (variável independente) são: 1) até aos 15 anos; 2) dos 16 aos 19 anos; 3) com 20 ou mais anos, considerando-se uma boa aproximação aos níveis de ensino. Logo, assume-se que os indivíduos no primeiro grupo terão, em termos aproximativos, frequentado o ensino básico, os do segundo grupo o ensino secundário, e os do terceiro grupo o ensino superior. O objectivo é verificar em que medida a identidade europeia pode estar determinada pela estrutura educacional dos países, ou seja, por desigualdades educacionais.

O gap escolar identitário

Uma variável utilizada neste estudo é o *gap* escolar identitário, tal como proposto por Henriques (2016). Aritmeticamente esta variável corresponde à percentagem de indivíduos que se sentem ligados à Europa, ou que se auto-categorizam como europeus, na categoria com mais anos de estudo (educação até aos +20 anos) menos a percentagem de indivíduos que se sentem ligados à Europa, ou que se auto-categorizam como europeus, na categoria com menos anos de estudo (educação até aos 15 anos). É, portanto, um valor medido em pontos percentuais. No fundo, o *gap* escolar identitário é um indicador da divergência/convergência do sentimento identitário europeu entre as categorias sociais mais e menos escolarizadas. Quanto maior o seu valor maior a divergência nos níveis médios de sentimento de pertença europeu entre as categorias educacionais. Quanto menor o seu valor menor a divergência. O que se pretende neste estudo é aprofundar o conhecimento desta variável, testando a sua pertinência. Será assim testada a sua correlação com indicadores de desigualdades à escala macrossocial

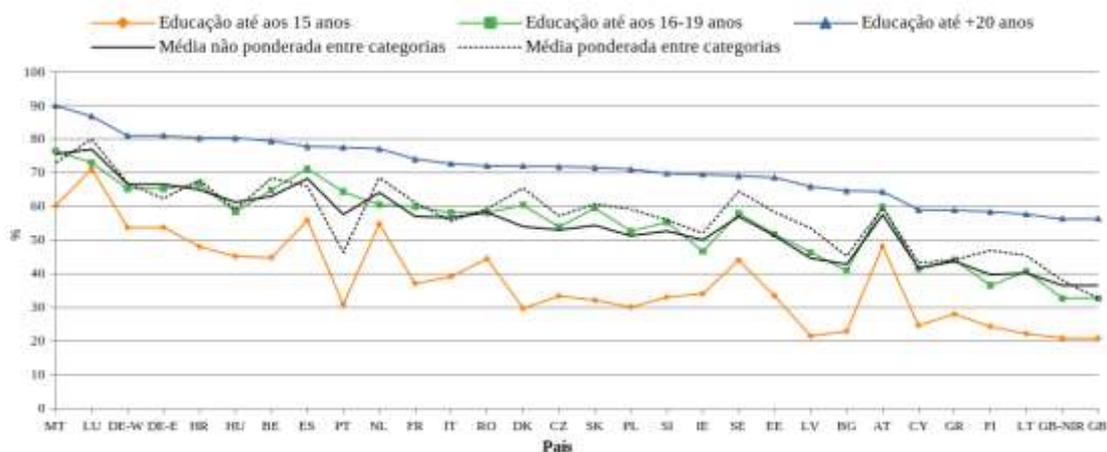
Indicadores de desigualdade macrossociais

As variáveis macrossociais (variáveis independentes relativamente a identidade europeia) referem-se a dados disponibilizados pelo Eurostat (PIB *per capita* (Eurostat, 2016a) e coeficiente de Gini (Eurostat, 2016b), e pelos relatórios de desenvolvimento das Nações Unidas [IDH (UNDP 2015)]. O PIB *per capita* e o IDH pretendem objectivar as desigualdades entre países, e as desigualdades dentro dos países serão analisadas com base no coeficiente de Gini dos rendimentos.

Capital educacional e identidade europeia

A auto-categorização como europeu difere substancialmente com o nível de escolaridade. A figura 2 demonstra que ao contrário das médias nacionais, não são os países nórdicos que revelam maiores percentagens de auto-categorização com a Europa. Pelo contrário, são os países do Centro e do Sul que apresentam níveis de sentimento de pertença superiores nas categorias sociais mais escolarizadas. Inclusive, comparando Portugal e Dinamarca, os níveis médios de auto-categorização como europeu são superiores em Portugal nas três categorias educacionais. Comparando Espanha e Suécia a conclusão é semelhante.

Figura 2 – Auto-categorização como europeu por país e segundo a escolaridade em 2014



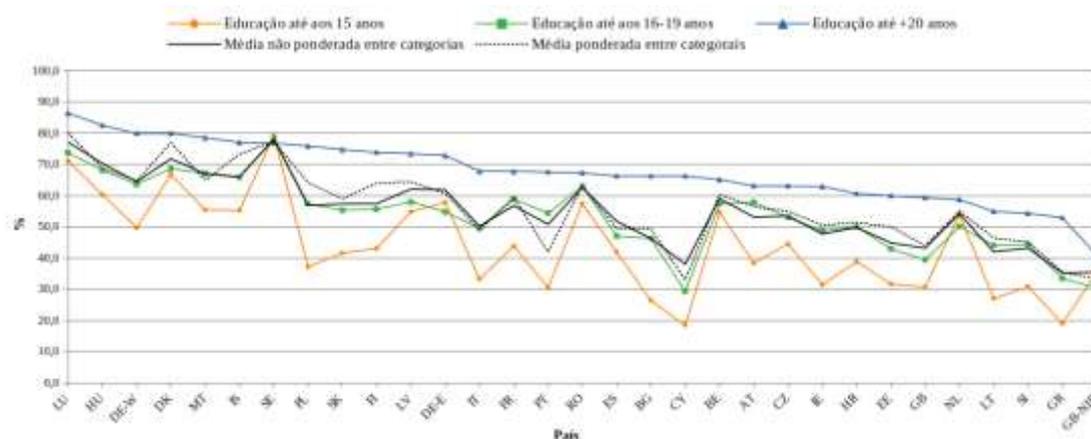
Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a)

A partir da análise precedente decidiu-se acrescentar duas variáveis ao gráfico. A primeira é a média aritmética de auto-categorização entre as três categorias educacionais, e a segunda é a média ponderada da auto-categorização tendo em

conta o real peso de cada categoria em cada país. É possível verificar que a média aritmética entre as três categorias de escolaridade configura-se à tendência da categoria educacional dos 16 aos 19 anos. Este facto poderá indicar que a escolaridade contribui linearmente para o crescimento de um sentimento de ligação. Também é possível verificar que a linha da média ponderada, tendo em conta o peso real da população de cada categoria em cada país, eleva, ou mantém estável, em média, a auto-categorização como europeu em todos os países à excepção de Portugal. Ora, em 2014 Portugal e Malta eram os únicos países com uma percentagem inferior a 50% da população com pelo menos o ensino secundário completado (Eurostat, 2016c). É facilmente observável que em países como os Países Baixos, a Dinamarca, a Suécia e a Finlândia, a linha ponderada situa-se acima da linha média, aproximando-se das percentagens da categoria mais escolarizada.

O mesmo exercício foi realizado para o sentimento de ligação à Europa, ver figura 3. Para o sentimento de ligação os países nórdicos já apresentam maiores níveis de sentimento de pertença que os países do Sul, em geral, nas três categorias educacionais. As linhas da média aritmética e da média ponderada seguem a mesma tendência da registada no gráfico anterior, observando-se, novamente, que para a Dinamarca, a Islândia e a Finlândia as médias ponderadas situam-se acima das respectivas médias aritméticas. Para Portugal regista-se o inverso.

Figura 3 – Sentimento de ligação à Europa por país e segundo a escolaridade em 2014



Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a)

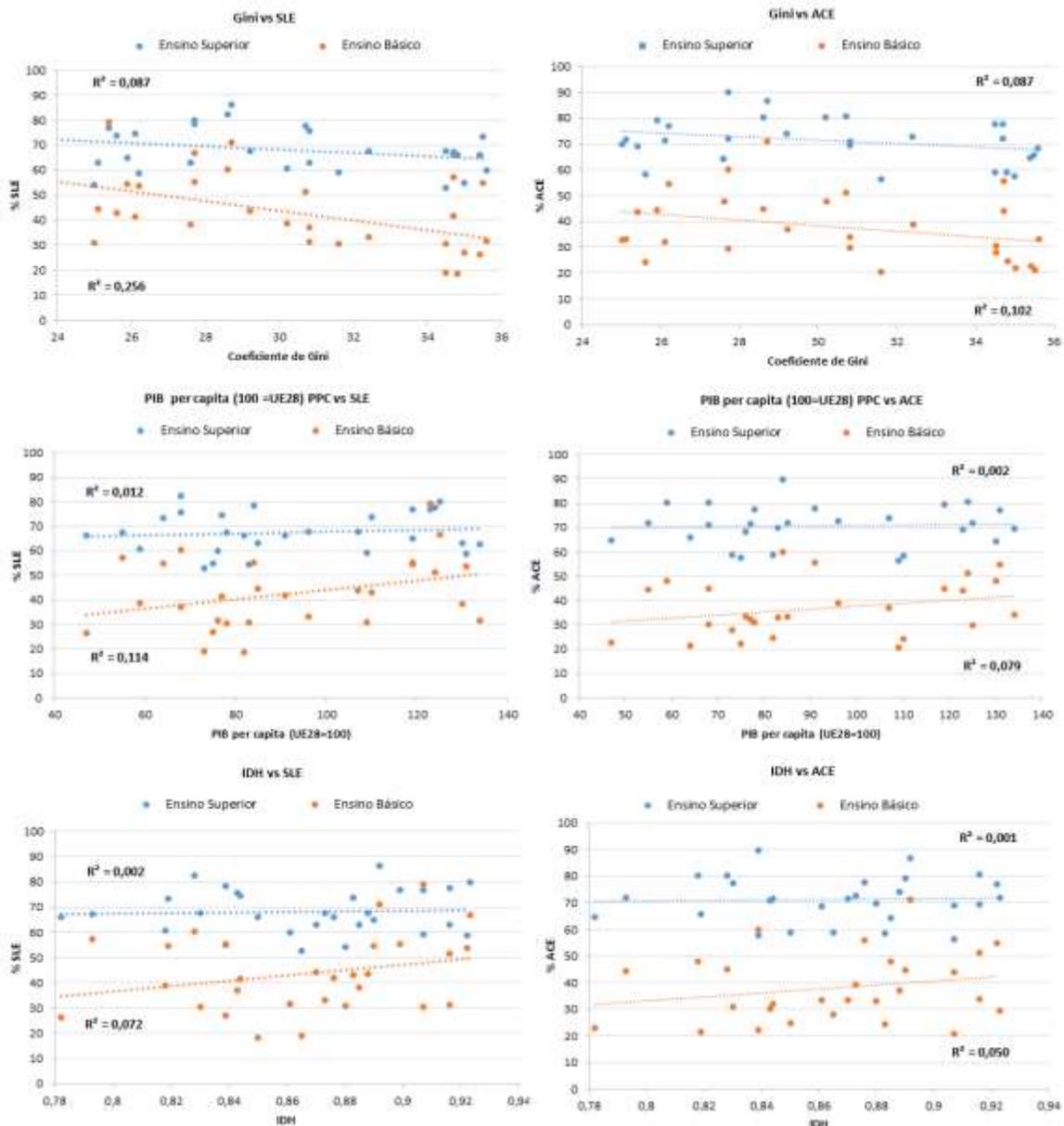
Da observação atenta das figuras 2 e 3, verifica-se que a amplitude entre o valor máximo e mínimo entre países, na categoria com maior escolaridade é menor que a amplitude para a categoria menos escolarizada. Para a auto-categorização, a amplitude entre países para quem estudou mais anos é aproximadamente de 30%, e para quem estudou menos anos é de 55%. Para o sentimento de ligação os valores de amplitude são aproximadamente de 45% (30% se se excluir a Irlanda do Norte) e 60%, respectivamente. Uma conclusão possível é que, em hipótese, o aumento do nível de escolaridade diminui a divergência identitária europeia média entre países, pois caso todos os países exibissem altas percentagens de indivíduos com o ensino superior completado, então, a amplitude no sentimento de pertença entre os próprios países seria potencialmente menor. No entanto, a análise das correlações entre a percentagem de indivíduos com ensino superior, e com ensino básico, com o total de indivíduos que se auto-categorizam como europeus ou que se sentem ligados à Europa é praticamente nula, ou seja, não existe relação (tabela 3 dos anexos). Assim, com estes dados não é possível afirmar que a estrutura da distribuição dos níveis de escolaridade por país influencie significativamente os sentimentos de pertença médios no espaço europeu.

Categorias educacionais e indicadores de desigualdade macrossociais

Será que as variáveis macrossociais poderão explicar, em parte, os níveis de identidade europeia registados em cada categoria educacional? Testaram-se as relações entre as percentagens de indivíduos que se auto-categorizam como europeus, ou sentem ligados à Europa, por país e por nível educacional com as variáveis macrossociais. Explicito de outra forma, calcularam-se as correlações entre os níveis de identidade europeia por país considerando separadamente cada categoria educacional (ver tabela 4 dos anexos).

Em geral, constata-se que as correlações são de maior intensidade para a categoria com menos anos de estudo, perdendo intensidade quando se passa para a categoria dos 16-19 anos e para a categoria dos 20 ou mais anos. A seguinte figura apresenta a sua leitura gráfica.

Figura 4 – Relação entre o sentimento de ligação (SLE, à esquerda), e a auto-categorização (ACE, à direita) segundo as categorias de capital educacional, com o coeficiente de Gini, o PIB e o IDH, por país em 2014



Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a), Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b), Eurostat (2016^a; 2016b), e UNDP (2015)

Nota: sendo um *outlier* em termos de PIB o Luxemburgo não se encontra representado graficamente.

Graficamente é possível observar que, para as três variáveis macrossociais, entre a categoria social com menos anos de estudo e a categoria com mais anos de estudos, a

linha de tendência tende para a horizontalidade, ou seja, o efeito do coeficiente de Gini, do PIB *per capita* e do IDH perde intensidade com o aumento do nível de escolaridade.

Relativamente ao indicador de auto-categorização, a correlação entre a categoria social com menos anos de estudos com o PIB *per capita* (UE28=100) é 0,543, e a correlação com o coeficiente de Gini é 0,319. Ou seja, quanto maior é o PIB *per capita* mais indivíduos com menor escolaridade tendem a auto-categorizar-se como europeus, e, em sentido inverso, quanto maior o coeficiente de Gini menos indivíduos tendem a auto-categorizar-se como europeus. No que concerne à categoria com mais anos de estudo, e ainda para o indicador de auto-categorização, os coeficientes de correlação são 0,299 com o PIB *per capita* (UE=100) e -0,295 com o coeficiente de Gini. Logo, a tendência no sentido da relação é semelhante à da categoria com menos anos de estudo, mas regista-se uma menor intensidade, e as correlações apenas são significativas para a categoria com menos anos de estudo.

Relativamente ao indicador de sentimento de ligação, a correlação com a categoria social com menos anos de estudo é de 0,467 para o PIB *per capita*, e a correlação com o coeficiente de Gini é 0,506. Para a categoria com mais anos de estudo as respectivas correlações são 0,372 e -0,296, repetindo-se as conclusões retiradas da análise efectuada para o indicador de auto-categorização.

Em suma, tanto as desigualdades entre países assim como as desigualdades internas apresentam um efeito de maior intensidade na categoria social com menos anos de estudos. Neste cenário, é provável que a influência do capital educacional no sentimento de pertença europeu seja mais compreensível quando associado e combinado a variáveis macrossociais.

Gap escolar identitário

Que factores poderão associar-se a maiores ou menores valores do gap escolar identitário para o sentimento de ligação? Colocam-se duas hipóteses iniciais: a primeira remete para factores internos dos próprios países, ou seja, para desigualdades internas, e a segunda considera as desigualdades entre os próprios países.

Para ensaiar as hipóteses anteriores foram construídas duas novas variáveis independentes, o gap escolar identitário para o sentimento de ligação à Europa, e o gap escolar identitário para a auto-categorização como europeu.

Tabela 1 - Gap escolar identitário segundo o país em 2007 e 2014

País	Gap escolar	Gap escolar	Gap escolar	Gap escolar	Variação	Variação
	identitário, SLE 2014 (pp)	identitário, ACE 2014 (pp)	identitário, SLE 2007 (pp)	identitário, ACE 2007 (pp)	absoluta 2007 a 2014 SLE (pp)	absoluta 2007 a 2014 ACE (pp)
Chipre	47,7	34,4	36,2	41,7	+11,5	-7,3
Bulgária	39,8	41,8	28,5	42,2	+11,4	-0,4
Polónia	38,6	41,0	14,9	35,9	+23,8	+5,0
Portugal	37,0	46,7	20,2	32,2	+16,8	+14,5
Itália	34,5	33,6	14,4	29,3	+20,1	+4,2
Grécia	33,8	30,9	25,9	30,8	+7,9	+0,1
Eslováquia	33,2	39,4	17,2	37,4	+15,9	+2,0
Irlanda	31,5	35,4	33,4	21,3	-1,9	+14,1
Finlândia	30,8	34,2	23,7	31,4	+7,1	+2,8
Reino Unido	28,7	35,5	29,3	43,4	-0,6	-7,9
Estónia	28,3	35,2	35,5	35,3	-7,3	-0,2
Lituânia	27,9	35,5	19,0	31,1	+8,9	+4,4
Alemanha	26,0	29,3	19,9	35,1	+6,1	-5,8
Áustria	24,8	16,3	37,1	36,5	-12,3	-20,2
Espanha	24,4	22,0	17,1	30,4	+7,3	-8,4
França	24,0	37,0	6,5	35,7	+17,5	+1,3
Eslovénia	23,5	36,8	8,7	17,7	+14,8	+19,1
Malta	23,1	29,8	14,2	27,5	+8,9	+2,3
Hungria	22,2	35,1	12,2	38,6	+10,0	-3,4
Letónia	18,6	44,5	23,5	22,3	-4,8	+22,2
República						
Checa	18,6	38,4	8,4	25,5	+10,3	+12,9
Luxemburgo	15,3	15,7	3,9	14,1	+11,4	+1,5
Dinamarca	13,2	42,3	13,1	37,7	+0,2	+4,6
Bélgica	10,5	34,7	6,7	33,1	+3,8	+1,5
Roménia	9,9	27,6	24,3	25,3	-14,4	+2,4
Países Baixos	4,9	22,4	3,5	33,1	+1,4	-10,8
Suécia	-2,4	25,1	2,0	30,6	-4,4	-5,5

Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 278 (Comissão Europeia, 2007) e Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a).

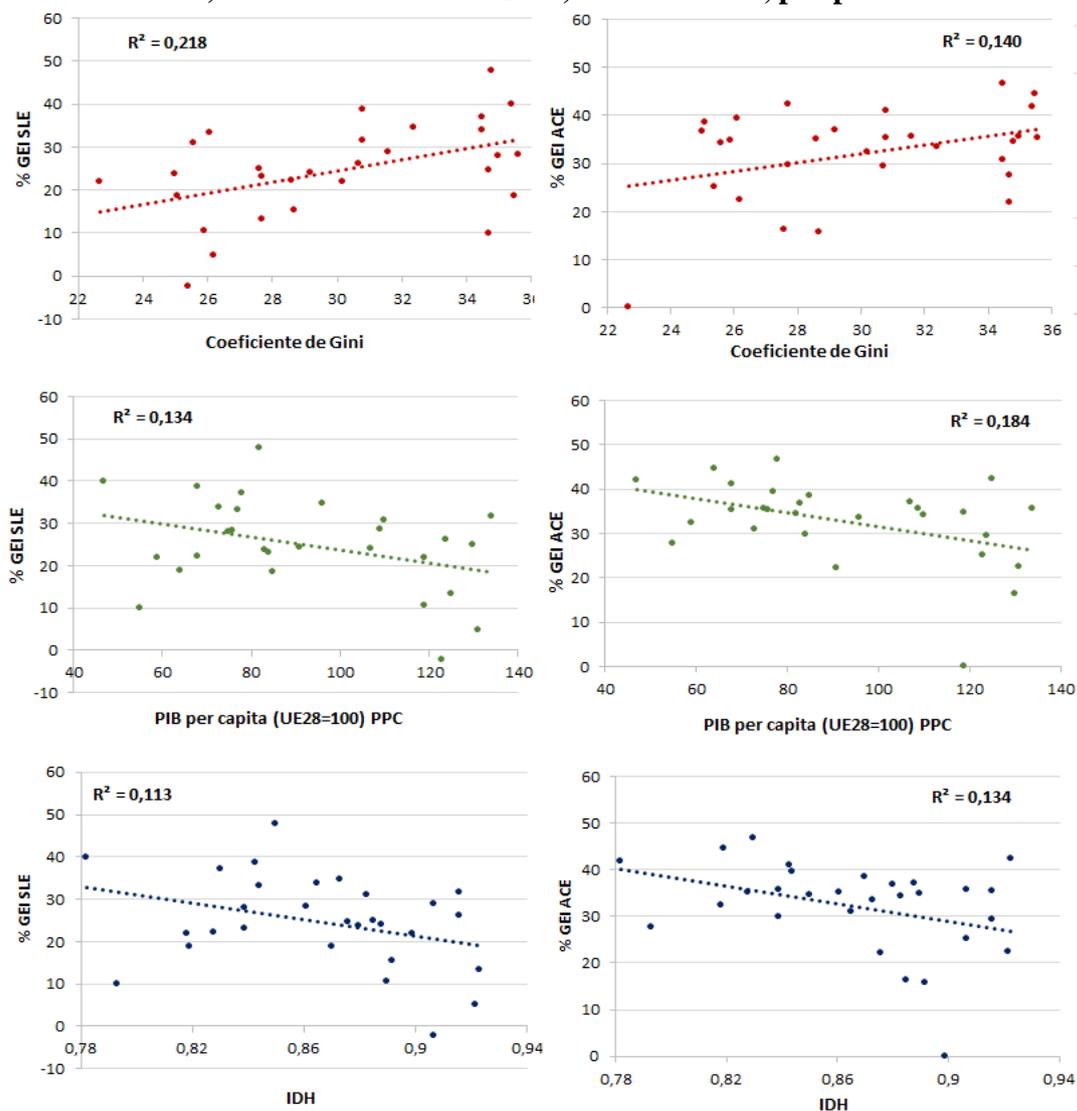
Constata-se que o *gap* escolar identitário é mais volátil na variável de sentimento de ligação e mais regular na variável de auto-categorização. Os países do Sul e do Leste

apresentam valores superiores de *gap* escolar identitário, pelo menos, para o sentimento de ligação. Por outro lado, também para o sentimento de ligação, os valores dos *gaps* escolares identitários cresceram na maioria dos países entre 2007 e 2014, e, novamente, com especial incidência nos países do sul.

O *gap* escolar identitário (GEI) e os indicadores de desigualdades macrosociais

Uma questão importante é compreender um pouco melhor esta variável. A proposta recai em confrontar este indicador na sua relação com indicadores de desigualdade económica entre países e dentro dos países.

Figura 5 – Relação entre os *gaps* escolares identitários (SLE, à esquerda; ACE, à direita) com o coeficiente de Gini, o PIB e o IDH, por país em 2014



Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a), Eurobarómetro 81.4 (Comissão Europeia, 2014b), Eurostat (2016^a; 2016b), e UNDP (2015). Nota: sendo um *outlier* em termos de PIB o Luxemburgo não se encontra representado graficamente.

Testando as correlações entre os *gaps* escolares identitários e as variáveis macrossociais, enumeram-se as seguintes conclusões:

a) Sentimento de Ligação:

- 1) o *gap* escolar identitário escolar tende a ser maior quanto maior for o coeficiente de Gini do respectivo país. Em 2014 e em 2007 a relação é moderada alta ($r = 0,467$ e $r = 0,525$, respectivamente.);
- 2) O *gap* escolar identitário tende a ser menor quanto maior for o PIB *per capita* (UE28=100) do respectivo país. Em 2014 e em 2007 a relação é moderada ($r = 0,352$ e $r = -0,273$, respectivamente.);
- 3) O *gap* escolar identitário tende a ser menor quanto maior for o IDH do respectivo país. Em 2014 e em 2007 a relação é moderada ($r = 0,336$ e $r = 0,239$, respectivamente.).

b) Auto-categorização:

- 1) o *gap* escolar identitário tende a ser maior quanto maior for o coeficiente de Gini do respectivo país. Em 2014 a relação é baixa ($r = 0,205$) e em 2007 a relação é praticamente nula ($r = 0,056$);
- 2) o *gap* escolar identitário tende a ser menor quanto maior for o PIB *per capita* (UE28=100) do respectivo país. Em 2014 a relação é moderada alta ($r = 0,577$) e em 2007 a relação é moderada ($r = 0,366$);
- 3) o *gap* escolar identitário tende a ser menor quanto maior for o IDH do respectivo país. Em 2014 a relação é moderada ($r = 0,344$) e em 2007 a relação é fraca ($r = 0,104$).

Em suma os *gaps* escolares identitários, tanto na auto-categorização como no sentimento de ligação, apresentam relação com as variáveis macrossociais embora o *gap* escolar identitário para o sentimento de ligação apresente maiores intensidades de correlação com o coeficiente de Gini.

Para completar a análise precedente, um exercício pertinente é verificar se os *gaps* escolares identitários são mais afectados ou não, em termos de variação percentual, em alguma das categorias educacionais. A tabela 2 avalia os níveis médios de sentimento

de pertença em cada categoria educacional para os anos de 2007 e 2014, assim com as suas variações absolutas e relativas.

Tabela 2 – Valores médios do sentimento de ligação à Europa e de auto-categorização como europeu por categoria educacional em 2007 e 2014

	Variação			
	Ano	Ano	Variação absoluta entre	Variação média
	2014	2007	2007 e 2014	relativa entre
	(%)	(%)	(pp)	2007 e 2014 (%)
SLE Educação até aos 15 anos	43,4	56,7	-13,3	-23,5
SLE Educação até aos 16-19 anos	54,1	66,2	-12,1	-18,3
SLE Educação até +20 anos	68,2	75,2	-7,1	-9,4
ACE Educação até aos 15 anos	37,7	35,5	2,2	6,2
ACE Educação até aos 16-19 anos	54,7	53,3	1,5	2,8
ACE Educação até +20 anos	70,8	67,6	3,2	4,7

Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 278 (Comissão Europeia, 2007) e Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a).

Entre 2007 e 2014 os valores médios de sentimento de ligação à Europa diminuíram e os valores médios de auto-categorização como europeu aumentaram, embora estes últimos mais discretamente. O capital educacional aparenta ser um elemento menos diferenciador para a explicação da evolução do indicador de auto-categorização. Pelo contrário, é evidente que na categoria dos indivíduos com mais anos de estudos, o sentimento de ligação demonstra uma menor variação do que na categoria de indivíduos com menos anos de estudos. Afigura-se lógico afirmar que quaisquer que sejam os factores que neste período tenham influenciado a evolução destes dois indicadores, o seu efeito não é semelhante em ambos. A categoria social caracterizada por menos anos de escolaridade foi, para o período em análise, mais susceptível a variações no seu sentimento de ligação à Europa, enquanto as categorias sociais com maiores níveis de escolaridade mostram-se mais robustas neste indicador.

Conclusão

Os resultados aqui apresentados permitem obter novas elucidações sobre a relação entre o capital educacional e o sentimento de pertença europeu, mas algumas questões permanecem inconclusivas. Não é possível responder à primeira questão colocada neste estudo, ou seja, como se relaciona a distribuição de capital educacional no espaço europeu com a distribuição de um sentimento de pertença europeu, porque os resultados diferem consoante o indicador de identidade europeia. Também não é possível esclarecer quanto à segunda questão, ou seja, se as desigualdades educacionais dentro de cada país influenciam os níveis médios de sentimento identitário europeu dos países, porque não se conseguiu correlacionar, significativamente, que diferentes níveis de escolarização entre países correspondem a diferentes níveis médios de sentimento de pertença europeu, apesar de no ponto de vista descritivo se verificar essa tendência.

No entanto, as descobertas relativas à terceira questão, como se associam factores educacionais com factores macrossociais de distribuição de riqueza e desenvolvimento humano na explicação do sentimento identitário europeu, pode esclarecer a resposta às duas primeiras. As categorias sociais de maior capital educacional apresentam maiores níveis de sentimento de pertença europeu, independentemente das distribuições de riqueza e de desenvolvimento humano dentro dos países e entre países. Pelo contrário, as categorias sociais de menor capital educacional apresentam menores níveis de sentimento de pertença europeu, mas os níveis médios por país são influenciados pela distribuição de riqueza e de desenvolvimento humano. De facto, as categorias mais escolarizadas apresentam maiores níveis de sentimento de pertença europeu, e as correlações com os indicadores macrossociais são baixas, e não significativas. Por outro lado, as categorias educacionais menos escolarizadas apresentam menores níveis de sentimento de pertença europeu e correlações moderadas com os indicadores macrossociais, e significativas. Em termos práticos, as categorias sociais de menor capital educacional dos países mais ricos e mais igualitários apresentam maiores níveis de sentimento de pertença europeu do que as mesmas categorias sociais dos países menos ricos e de maior desigualdade. O que se verifica é que existe um efeito combinado entre o capital educacional e o capital económico ou desenvolvimento humano, e, portanto, nos países mais igualitários e mais ricos a estrutura da distribuição educacional é menos relevante para os níveis médios de sentimento de pertença

Europeu. Este facto poderá, em parte, explicar porque não se encontraram respostas conclusivas às duas primeiras questões deste estudo. Analisar a relação directa e singular entre o capital educacional e identidade europeia é insuficiente, o que em certa medida está de acordo com a multidimensionalidade da última.

Nesse sentido, uma nova variável proposta é o *gap* escolar identitário. Medindo a divergência do nível de sentimento de pertença europeu entre a categoria social mais escolarizada e a categoria social menos escolarizada, verifica-se que o *gap* apresenta correlações consideráveis entre o sentimento de ligação à Europa e os indicadores macrossociais. Maiores desigualdades internas de rendimentos associam-se a maiores *gaps identitários escolares*, e maiores valores de PIB e IDH a menores *gaps*. Também se constatou que as categorias sociais mais escolarizadas são mais robustas a uma volatilidade do seu sentimento de pertença europeu. Assim, no período entre 2007 e 2014, marcado pela crise económico-financeira, o nível de sentimento de ligação à Europa apresenta uma maior oscilação na categoria social menos escolarizada. Dada a possibilidade de a identidade europeia basear-se mais em aspectos utilitaristas do que afectivos (Citrin, e Sides, 2004; Schroedter, Rössel, e Datler, 2015; Henriques, 2016), não é ilógico colocar a hipótese de a crise económico-financeira ter influenciado mais a evolução do sentimento de pertença europeu nos países mais afectados pela crise, e especialmente as suas categorias menos escolarizadas. Os *gaps* escolares identitários registaram uma maior variação, entre 2007 e 2014, em países como Portugal, Itália, Polónia, França, e uma menor variação em países como a Alemanha, Suécia, Dinamarca e Países Baixos. Ao registar a diferença nos níveis médios de identidade europeia entre a categoria educacional mais escolarizada e a categoria menos escolarizada o indicador *gap* escolar identitário permite medir a divergência identitária europeia entre as duas categorias e associar, de modo latente, essa divergência a outras variáveis explicativas. Uma única variável inclui assim as relações entre duas categorias educacionais e a sua associação combinada com outros factores explicativos, ou seja, incorpora de forma latente a multidimensionalidade do fenómeno.

Nota

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo acordo ortográfico.

Referência bibliográficas

- Almeida, J. Ferreira, Fernando Luís Machado, e António F. Costa (2006), “Classes sociais e valores em contexto europeu”, em Jorge Vala, e Anália Torres (orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa*, Lisboa, ICS, p. 69-96.
- Bourdieu, Pierre (2007), *A Distinção. Crítica social do julgamento*, Porto Alegre, Editora Zouk.
- Bourdieu, Pierre (1998), *Practical Reason. On the Theory of Action*, Stanford, California, Stanford University Press.
- Casanova, J. Luís (1995), “A ‘Teoria da Práctica’ – Uma prática menos teorizada”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 17, p. 6173.
- Citrin, Jack, e John Sides (2004), “Can Europe Exist Without Europeans? Problems of Identity in a Multinational Community”, *Advances in Political Psychology*, Elsevier, (Online), p. 4170. Disponível em <http://home.gwu.edu/~jsides/europeans.pdf>
- Comissão Europeia (2015), “*Standard Eurobarometer / Autumn 2015, n°83 European Citizenship*”, (Online). DOI: 10.2775/011080
- Comissão Europeia (2014a), “*Standard Eurobarometer / Autumn 2014, n°82 European Citizenship*”, (Online). DOI: 10.2775/14950, Base de dados: Eurobarometer 82.3. TNS Opinion, Brussels [producer]. GESIS Data Archive, Cologne. ZA5932 2.0.1, DOI:10.4232/1.12259
- Comissão Europeia (2014b), “*Standard Eurobarometer / Spring 2014, n°81 European Citizenship*”, (Online), Disponível em http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/eb/eb81/eb81_citizen_en.pdf Base de dados: Eurobarometer 81.4, TNS Opinion, Brussels [producer]. GESIS Data Archive, Cologne. ZA5928 2.0.0, DOI:10.4232/1.12201
- Comissão Europeia (2007), “*Special Eurobarometer n° 278. European Cultural Values*”, (Online). Disponível em http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/ebs/ebs_278_en.pdf Base de dados: Eurobarometer 67.1 (FebMar 2007). TNS OPINION & SOCIAL, Brussels [Producer]. GESIS Data Archive, Cologne. ZA4529 3.0.1, DOI: 10.4232/1.10983
- Costa, António F., Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Nuno Nunes, e Ana Lúcia Romão (2015), “*A Constituição de um Espaço Europeu de Desigualdades*”,

- Observatório das Desigualdades, (Online), e-Working Paper 1/2015, DOI: 10.15847/CIESODWP012015
- Delanty, Gerard (2005), “What does it mean to be a ‘European’?”, *Innovation*, (Online), 18 (1), p. 1122. DOI: 10.1080/1351161042000334763
- Delhey, Jan, Emanuel Deutschmann, Timo Graf, e Katharina Richter (2014) “Measuring the Europeanization of Everyday Life: Three New Indices and an Empirical Application”, *European Societies*, (Online), 16 (3), p. 355377. DOI: 10.1080/14616696.2014.904916
- Eurostat (2016a), *GDP per capita in PPS*, disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&init=1&language=en&pcod e=tec00114&plugin=1>, Consultado em 1 de Abril de 2016.
- Eurostat (2016b), *Gini coefficient of equivalised disposable income EUSILC survey*, disponível em <http://ec.europa.eu/eurostat/tgm/table.do?tab=table&language=en&pcode=tessi190> Consultado em 1 de Abril de 2016.
- Eurostat (2016c), *Population by educational attainment level, sex and age (%) main indicators*, disponível em http://appsso.eurostat.ec.europa.eu/nui/show.do?dataset=edat_ifse_03&lang=en Consultado em 1 de Abril de 2016.
- Favell, Adrian (2008), *Eurostars and Eurocities. Free Movement and Mobility in an Integrating Europe*, Oxford, Blackwell Publishing.
- Fligstein, Neil (2008), *Euroclash. The EU, European Identity, and the Future of Europe*, Oxford, Oxford University Press.
- Henriques, João (2017), “*Desigualdades, interações transnacionais e identidade europeia*”, CIES Working Paper n° 212/2017.
- Henriques, João (2016), “*A Fronteira da Intimidade. Identidade europeia e relações íntimas intraeuropeias*”, Dissertação de Mestrado, ISCTEUIUL, Lisboa.
- Jacobone, Vittoria, e Giuseppe Moro (2015), “Evaluating the impact of the Erasmus programme: skills and European identity”, *Assessment & Evaluation in Higher Education*, Routledge, (Online), 40 (2), p. 309328. DOI: 10.1080/02602938.2014.909005
- Kuhn, Theresa (2012), “Why Educational Exchange Programmes Miss Their Mark: CrossBorder Mobility, Education and European Identity” *Journal of*

- Common Market Studies*, (Online), Oxford, Blackwell Publishing Ltd, Volume 50 (6),. p. 994–1010. DOI: 10.1111/j.14685965.2012.02286.x
- Mau , Steffen, e Jan Mewes (2012), “Horizontal Europeanisation in Contextual Perspective” *European Societies*, (Online), 14 (1), p. 734. DOI: 10.1080/14616696.2011.638083
- Mauritti, Rosário, Susana Martins, Nuno Nunes, Ana Lúcia Romão, e António Firmino da Costa (2016), “The Social Structure of European Inequality. A multidimensional perspective”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, (Online), 81, p. 7593. DOI: 10.7458/SPP2016818798
- Pichler, Florian (2008) “SocialStructural Differences in Identification with Europe”, em *Perspectives on European Politics and Society* Vol. 9, No. 4, 381–396
- Portdata (2017), <http://www.pordata.pt/Europa>, acessado em fevereiro de 2017.
- Recchi, Ettore, e Adrian Favell (orgs.) (2009), *Pioneers of European Integration Citizenship and Mobility in the EU*, Cheltenham, Edward Elgar Publishing Limited.
- Scalise, Gemma (2015) “The Narrative Construction of European Identity. Meanings of Europe ‘from below’”, *European Societies*, (Online), 17 (4), p. 593614. DOI: elow’, *European Societies*, 17:4, 593614, DOI: 10.1080/14616696.2015.1072227
- Schroedter , Julia H., Jörg Rössel, e Georg Datler (2015), “European Identity in Switzerland: The Role of Inter-marriage, and Transnational Social Relations and Experiences”, *ANNALS, AAPSS*, (Online), 662, p. 148168. DOI: 10.1177/0002716215595394
- Sinnott, R. (2005), “An Evaluation of the Measurement of National, Subnational and Supranational Identity in Crossnational Surveys”, *International Journal of Public Opinion Research*, (Online), 18 (2), p. 211–223. Disponível em <http://hdl.handle.net/10197/1846>
- UNPD (2014), “*Human Development Report 2014*”. Disponível em <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr14reporten1.pdf>
- UNPD (2015), “*Human Development Report 2015*”. Disponível em http://hdr.undp.org/sites/default/files/2015_human_development_report.pdf
- Whelan, Christopher, e Bertrand Maître (2009) “The ‘Europeanisation’ of Reference Groups” *European Societies*, (Online), 11 (2), p. 283309. DOI: 10.1080/14616690701846938

Anexos

Tabela 3 – Correlações entre os indicadores de identidade europeia, segundo a estrutura da distribuição das qualificações escolares por país

		% total de ACE	% total de SLE
% indivíduos com Ensino básico	Correlação	0,05	0,23
	<i>pvalue</i>	<i>0,394</i>	<i>0,116</i>
% indivíduos com Ensino Secundário	Correlação	0,02	0,16
	<i>pvalue</i>	<i>0,450</i>	<i>0,202</i>
% indivíduos com Ensino Superior	Correlação	0,05	0,11
	<i>pvalue</i>	<i>0,407</i>	<i>0,294</i>

Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014^a) e da Pordata (fevereiro de 2017).

"[Seleccionar e escrever o título da comunicação / Press here and write the title of the communication]"

Tabela 4 – Correlações entre os indicadores de identidade europeia, segundo a categoria escolar, com as variáveis macrossociais

		Gini_2014	PIB_2014	IDH2014
% Sentimento de Ligação à Europa	Correlação	,506**	,467**	,268
	<i>pvalue</i>	,003	,005	,080
(indivíduos que estudaram até aos 15 anos)	N	29	29	29
% Sentimento de Ligação à Europa	Correlação	,505**	,412*	,144
	<i>pvalue</i>	,003	,013	,229
(indivíduos que estudaram até aos 16-19 anos)	N	29	29	29
% Sentimento de Ligação à Europa	Correlação	,296	,372*	,048
	<i>pvalue</i>	,060	,023	,403
(indivíduos que estudaram até aos 20 ou mais anos)	N	29	29	29
% Auto-categorização Europeu (indivíduos que estudaram até aos 15 anos)	Correlação	,319*	,543**	,223
	<i>pvalue</i>	,049	,001	,127
	N	28	28	28
% Auto-categorização Europeu (indivíduos que estudaram até aos 16-19 anos)	Correlação	,303	,311	,080
	<i>pvalue</i>	,058	,054	,343
	N	28	28	28
% Auto-categorização Europeu (indivíduos que estudaram até aos 20 ou mais anos)	Correlação	,295	,299	,028
	<i>pvalue</i>	,064	,061	,443
	N	28	28	28

Fonte: produção própria usando dados do Eurobarómetro 82.3 (Comissão Europeia, 2014a), Eurostat (2016a; 2016b) e UNPD (2014).